



**ISPA**  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO  
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

**O comportamento de partilha depende das  
características do destinatário? Um estudo com  
crianças em idade pré-escolar**

**BRUNA ANDRADE**

**Orientador de Dissertação:**

PROF. DOUTORA SOFIA MENÉRES

**Coordenador de Seminário de Dissertação:**

PROF. DOUTOR ANTÓNIO JOSÉ DOS SANTOS

**Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de:**

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

**2018**

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutora Sofia Menéres, apresentada no ISPA - Instituto Universitário para obtenção de grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

## **AGRADECIMENTOS**

O presente trabalho marca a conclusão de uma etapa e o alcançar de um objetivo muito importante. A verdade é que sem a ajuda de várias pessoas, não teria sido possível chegar até aqui, como tal gostaria de expressar a minha gratidão:

Ao ISPA, por ao longo destes cinco anos me ter dado a oportunidade de aprender com professores inspiradores e que me motivaram a chegar até aqui.

À minha orientadora de dissertação, a Professora Doutora Sofia Meneres, pelo apoio, entusiasmo e motivação que me transmitiu ao longo do ano, mas sobretudo por acreditar nas minhas capacidades. Tornou este trabalho um desafio estimulante.

Ao meu orientador de seminário de dissertação, o Professor Doutor António José dos Santos pela partilha de sábios conhecimentos e pelas várias sugestões construtivas prestadas no decorrer das aulas.

Aos meus amigos, pelos momentos de descontração, companheirismo e boa disposição. Assim como, aos meus colegas pelos momentos de partilha e entreaajuda.

À minha família, principalmente aos meus pais, pela paciência, apoio e carinho que sempre me deram em todos os momentos do meu percurso académico. Sem eles, nada disto seria concretizável.

Às diretoras e educadoras dos jardins de infância por toda a sua disponibilidade, foram incansáveis. Aos encarregados de educação, que autorizaram a participação das crianças na recolha de dados. E por último, mas não menos importante, a cada uma das crianças que contribuiu de forma única para que este trabalho fosse realizado.

Obrigada a todos!

## RESUMO

O presente estudo investiga se o comportamento de partilha, varia em função das características dos destinatários, em crianças de idade pré-escolar. Participaram neste estudo cento e oitenta e seis crianças de três, quatro e cinco anos. O comportamento de partilha foi avaliado através do Jogo do Ditador, onde os participantes tiveram a oportunidade de doar autocolantes a nove destinatários hipotéticos: neutro, moralmente merecedores (partilha, não empurra), moralmente não merecedores (partilha, empurra), em necessidade (com poucos brinquedos, triste) e sem necessidade (com muitos brinquedos, contente). Quando comparadas com as crianças de três e quatro anos, as crianças de cinco anos deram mais autocolantes aos destinatários com poucos brinquedos, que partilha, triste e contente. Além disso, contrariamente às crianças de três e quatro anos, que não apresentaram diferenças na forma como partilharam autocolantes com os destinatários, as crianças de cinco anos deram mais autocolantes aos destinatários com poucos brinquedos, contente e menos aos destinatários que não partilha e que empurra. No seu conjunto, estes resultados indicam que as crianças de três e quatro anos ainda não utilizaram pistas contextuais, para adaptarem as suas decisões de partilha, ao contrário das crianças de cinco anos. São discutidas implicações destes resultados para a compreensão do comportamento de partilha.

**Palavras-Chave:** Comportamento Prosocial, Altruísmo, Partilha, Jogo do Ditador

## **ABSTRACT**

The present study investigates whether the sharing behaviour depends on recipients characteristics, in children of pre-school age. One hundred and eighty-sixth children of three, four and five years participated in this study. Sharing behaviour was evaluated through the Dictator's Game, in which participants had the opportunity of giving stickers to nine hypothetical recipients: neutral, morally deserving (share, not push), morally undeserving (not share, push), in need (sad, with fewer toys) and not in need (happy, with many toys). When compared to the three and four-year-olds, five-year-olds gave more stickers to recipients with fewer toys, who share, sad and happy. In addition, unlike children aged three and four, who did not show differences in how they shared stickers with recipients, five-year-olds gave more stickers to recipients with fewer toys, happy and less to recipients who do not share and who push. Taken together, these results indicate that three and four-year-olds have not yet used contextual clues to adapt their sharing decisions, unlike the five-year-olds. The implications of these results for the understanding of sharing behavior are discussed further.

**Key Words:** Prosocial Behavior, Altruism, Sharing, Dictator Game

## Índice

Introdução .....	1
Comportamento pró-social e Comportamento de partilha .....	1
Jogo do Ditador .....	3
Jogo do Ditador com diferentes características do destinatário .....	3
Desenvolvimento do comportamento de partilha no Jogo do Ditador .....	4
Diferenças entre géneros na partilha no Jogo do Ditador .....	5
O presente estudo .....	6
Método .....	7
Participantes .....	7
Instrumento .....	8
Procedimento .....	10
Resultados .....	11
Discussão .....	14
Referências .....	20
Anexos .....	24

## **ÍNDICE DE ANEXOS**

**Anexo A.** Revisão de Literatura

**Anexo B.** Ilustração do Jogo do Ditador (Destinatário Contente)

## ÍNDICE DE TABELAS

**Tabela 1.** Média e Desvio Padrão dos autocolantes dados por destinatário em função da idade



## INTRODUÇÃO

### **Comportamento pró-social e Comportamento de partilha**

O comportamento pró-social é definido como um comportamento através do qual um sujeito beneficia o(s) outro(s) (Eisenberg & Fabes, 1998), manifestando-se numa variedade de respostas pró-sociais, como partilhar, ajudar e reconfortar (Underwood & Moore, 1982).

Estudos têm mostrado que as primeiras formas de comportamento pró-social surgem no segundo ano de vida (Zahn-Waxler, Radke-Yarrow, Wagner & Chapman, 1992). Apesar de vários estudos mostrarem que a prosocialidade está presente desde a infância (Moore, 2009), em termos desenvolvimentais sabe-se que aumenta até ao início da adolescência (Eisenberg & Fabes, 1998).

O comportamento pró-social é multifacetado e complexo, sendo proposto na literatura que diferentes tipos deste comportamento têm diferentes origens e trajetórias desenvolvimentais (Underwood & Moore, 1982). Tal aponta para o benefício de especificar o tipo de comportamento pró-social a ser estudado, de modo a que não haja confusões conceituais e metodológicas (Fehr, Bernhard & Rockenbach, 2008). O presente estudo foca-se no comportamento de partilha, geralmente definido como a doação voluntária de um ou mais recursos a outro(s) sujeito(s), quando inicialmente esses recursos estavam na posse da criança (Barrett & Yarrow, 1977).

Para compreender o desenvolvimento do comportamento de partilha ao longo da infância, é essencial isolar este subtipo de comportamento prosocial e ter em conta quais os critérios que as crianças evocam ou seguem quando querem distribuir recursos de forma justa com as outras pessoas (Kienbaum & Wilkening, 2009). O desenvolvimento da justiça distributiva (que está subjacente ao comportamento de partilha) foi investigado por vários autores que apresentam diferentes perspetivas sobre esta questão.

Segundo Damon (1975) há uma sequência desenvolvimental de acordo com a qual crianças de diferentes idades, adotam critérios ou normas distintas para os seus comportamentos de partilha. Para este autor, aos três/quatro anos os critérios de justiça distributiva assentam nos interesses do próprio, aos quatro anos nas características externas do destinatário (como a idade, o tamanho e o sexo), aos cinco anos na igualdade, aos seis/sete anos no mérito e aos oito anos numa consideração mais complexa de normas como a equidade e a necessidade (para uma revisão ver: Gummerum, Hanoch, & Keller, 2008; Huntsman, 1984).

Nesta perspectiva, e de acordo com Damon (1975) e Piaget (1932), o desenvolvimento da justiça distributiva está relacionado com o desenvolvimento cognitivo. As crianças mais novas baseiam-se em princípios cognitivamente menos exigentes de distribuição, como a igualdade, e as crianças mais velhas em princípios cognitivamente mais complexos e exigentes, como a necessidade e a equidade (Kienbaum & Wilkening, 2009).

Apesar de estudos empíricos mais recentes apoiarem esta sequência de desenvolvimento sobre a atribuição de recursos e raciocínio sobre a justiça distributiva nas crianças (e.g., Fehr et al., 2008; Gummerum et al., 2008), outros estudos apresentam dados que não sustentam esta sequência. Sugerem antes que as crianças nas suas diferentes idades têm uma série de princípios de justiça que aplicam dependendo das pistas situacionais, sendo esta uma tendência que aumenta mais tarde na infância (e.g., McGillicuddy-De Lisi, Watkins & Vichur, 1994; Sigelman & Waitzman, 1991).

Neste sentido, Malti, Gummerum, Ongley, Chaparro, Nola e Bae (2016) observaram que crianças de quatro e oito anos variam na forma como partilham autocolantes com destinatários, em que são dadas informações sobre a sua moralidade e necessidade. Também, de acordo com Kenward e Dahl (2011) crianças de quatro e cinco anos, partilham menos com um destinatário violento e não altruísta e partilham mais com um destinatário não violento e altruísta. Huntsman (1984) menciona que crianças a partir dos quatro anos, demonstram mais inclinação para partilhar com destinatários pobres, do que ricos. Segundo Chernyak e Kushnir (2013) crianças de três e quatro anos, apresentam motivação para partilhar com um destinatário triste.

O presente estudo tem como objetivo esclarecer esta questão contraditória na literatura, ou seja, compreender se o comportamento de partilha segue uma sequência de fases no desenvolvimento da justiça distributiva ou se o comportamento de partilha, varia em função das pistas situacionais apresentadas às crianças.

Os estudos que investigam este comportamento têm-se debruçado sobre dois tipos de partilha: sem custos e com custos. A partilha sem custos, é estudada através de tarefas onde a criança tem de distribuir recursos que nunca poderiam ser seus, desta forma, o modo como distribui recursos pelos outros sujeitos (hipotéticos ou reais), não acarreta custos para o próprio (e.g., Baumard, Mascaro & Chevallier, 2011). Já a partilha com custos, é estudada através de tarefas onde a criança tem de partilhar com outros sujeitos recursos que poderiam ser seus, logo partilhar acarreta custos para o próprio, pois implica ficar sem os mesmos (e.g., Shaw & Olson, 2012). O presente estudo debruça-se sobre a partilha com custos.

Os estudos que investigam este comportamento também se têm focado em três tipos de destinatário, com quem a criança pode partilhar recursos: anónimos, amigos e familiares. A partilha com alguém anónimo, pode suscitar menos generosidade do que uma tarefa na qual o destinatário é um amigo ou um familiar (Ongley & Malti, 2014). O presente estudo incide sobre a partilha com um destinatário anónimo.

### **Jogo do Ditador**

Uma das formas de estudar o comportamento de partilha e os seus padrões de desenvolvimento, mesmo em crianças pré-escolares, tem sido através do Jogo do Ditador (e.g., Benenson, Pascoe & Radmore, 2007; Blake & Rand, 2010). Este instrumento é uma tarefa paradigmática, desenvolvida no contexto da economia experimental para medir o altruísmo e a justiça dos sujeitos (Kahneman, Knetsch, & Thaler, 1986).

Na versão mais simples do Jogo do Ditador (“one-shot version”), há duas pessoas envolvidas, um jogador/ditador e um destinatário, que permanecem sempre anónimos. O participante recebe recursos considerados valiosos (por exemplo, dinheiro, doces, autocolantes) e é informado que os pode ou não partilhar com o destinatário. O destinatário não pode rejeitar a oferta feita pelo participante, nem pode retribuir ou punir as suas ações. Desta forma, a não partilha de recursos não tem consequências negativas para o participante e a partilha não possui ganhos sociais ou benefícios externos. De acordo com os pressupostos da teoria económica clássica, os participantes que maximizam os seus próprios interesses, não dão nada ao destinatário (Gummerum et al., 2008; Malti et al., 2016;).

Optou-se por utilizar esta metodologia no presente estudo, pois ao contrário das medidas de comportamento pró-social que geralmente envolvem um custo baixo para a criança, este instrumento, permite medir o comportamento de partilha com outros anónimos, ao mesmo tempo que há custos tangíveis e reais para o sujeito que partilha (Eisenberg & Fabes, 1998).

### **Jogo do Ditador com diferentes características do destinatário**

No presente estudo foi utilizada uma versão do Jogo do Ditador, desenvolvida por Malti e colaboradores (2016). As características da metodologia são as que já foram referidas anteriormente, no entanto, nesta versão, é pedido à criança que partilhe autocolantes não apenas com um destinatário neutro, mas também com destinatários em que são dadas informações sobre o seu merecimento moral (i.e partilha, não empurra, não partilha, empurra) e necessidade (i.e poucos brinquedos, triste, muitos brinquedos, contente).

Estudos anteriores mostram que as crianças desde muito novas conseguem integrar várias pistas contextuais (Huntsman, 1984), portanto, espera-se que no presente estudo as características dos destinatários introduzidas no Jogo do Ditador tenham impacto na forma como os participantes partilham autocolantes com os diferentes destinatários, tal como ocorreu no estudo de Malti e colaboradores (2016) com crianças de quatro e oito anos.

### **Desenvolvimento do comportamento de partilha no Jogo do Ditador**

Foram realizados vários estudos que utilizaram como instrumento o Jogo do Ditador em amostras de crianças pré-escolares e escolares (e.g., Benenson et al., 2007; Blake & Rand, 2010; Gummerum, Hanoch, Keller, Parsons & Hummel, 2010; Malti, Gummerum, Keller, Chaparro & Buchmann, 2012). No único estudo longitudinal até hoje realizado sobre a partilha infantil com este instrumento, Malti e colaboradores (2012) descobriram que as doações de crianças aos nove anos, foram mais elevadas que aos seis anos. Gummerum e colaboradores (2010) num estudo transversal com o Jogo do Ditador, também chegaram à mesma conclusão, ou seja, as crianças de três anos partilhavam menos, do que as crianças de cinco anos.

Porém, há estudos que não reportam este desenvolvimento linear no comportamento de partilha. O estudo de Benenson e colaboradores (2007) com crianças de quatro, seis e nove anos e o de Blake e Rand (2010) com crianças entre os três e os seis anos, demonstrou que a probabilidade de dar algum autocolante no Jogo do Ditador aumentou com a idade, no entanto, o nível de partilha não mudou significativamente com a idade. Quando se teve em conta apenas as crianças que decidiram partilhar, as crianças mais novas deram, em média, os mesmos autocolantes que as crianças mais velhas (Benenson et al., 2007; Blake & Rand, 2010).

Na procura das razões que levam à partilha de recursos no Jogo do Ditador, no qual não partilhar, não traz consequências negativas para o jogador, alguns estudos referem a aversão à desigualdade (e.g., Gummerum et al., 2010). Este conceito significa que o jogador não gosta de observar situações de injustiça, ou seja, em que um sujeito possui mais recursos que o(s) outro(s) (Fehr & Schmidt, 1999). Tal leva a que o jogador sacrifique os seus recursos pelo(s) outro(s), mesmo nas situações em que está acima da média (Fehr et al., 2008).

A aversão à desigualdade pode basear-se no compromisso com normas internalizadas, no reconhecimento de que as pessoas consideram injusto quando recebem menos do que os outros (com base na comparação social) ou no evitamento de reações negativas do outro, pois a aplicação de tais princípios no seu dia-a-dia, pode levar as crianças a generalizarem-nos para o Jogo do Ditador, mesmo que o destinatário não esteja presente e não haja punições por não partilhar ou benefícios por partilhar (Shaw & Olson, 2012).

Neste sentido, Dalbert e Umlauft (2009) demonstram empiricamente que os motivos para as pessoas exercerem justiça (ou seja, a sua necessidade de restaurar a justiça quando confrontados com a injustiça) prevê atribuições iguais no Jogo do Ditador.

Estudos com o Jogo do Ditador mostram que a aversão à desigualdade está presente desde cedo, contudo tende a acentuar-se ao longo do desenvolvimento (e.g., Shaw & Olson, 2012). As crianças entre os três e os quatro anos estão dispostas a partilhar alguns recursos (no mínimo um autocolante), mas só entre os cinco e os oito anos é que preferem partilhar de forma igualitária com destinatários anónimos (Benenson et al., 2007; Blake & Rand, 2010; Fehr et al., 2008; Gummerum et al., 2010; Malti et al., 2016; Shaw & Olson, 2012). Estudos com esta metodologia conseguiram demonstrar que, por volta do início do primeiro ciclo de escolaridade, as crianças têm uma forte aversão à desigualdade, mesmo quando poderiam obter mais recursos que os outros (Malti et al., 2016).

### **Diferenças entre géneros na partilha no Jogo do Ditador**

As descobertas existentes sobre as diferenças de género na partilha de recursos no Jogo do Ditador são inconsistentes. Alguns estudos que utilizaram esta metodologia, com crianças entre os três e os nove anos, demonstraram que as raparigas se comportam de forma mais altruísta do que os rapazes, ao partilharem mais recursos com o destinatário anónimo (e.g., Benenson et al., 2007; Gummerum et al., 2010).

No entanto, outros estudos com esta metodologia (e.g., Blake & Rand, 2010; Malti et al., 2012) reportam resultados diferentes. No estudo de Blake e Rand (2010), com crianças entre os três e os seis anos, apesar de as raparigas terem partilhado mais do que os rapazes, quando se teve em conta apenas as crianças que decidiram partilhar, os dois géneros doaram quantidades similares de recursos em todas as condições do estudo. No estudo longitudinal de Malti e colaboradores (2012), as raparigas partilharam mais do que os rapazes aos seis e aos sete anos, mas essa diferença de género não foi observada aos nove anos.

## **O presente estudo**

O presente estudo tem como objetivo investigar se o comportamento de partilha, varia em função da idade e das características do destinatário, em crianças entre os três e os cinco anos. Mais concretamente, este estudo tem como objetivo investigar se:

a) As crianças mais velhas (cinco anos) partilham em média mais autocolantes com o destinatário neutro, do que as crianças mais novas (três e quatro anos);

b) As crianças das diferentes idades adaptam as suas decisões de partilha, de acordo com as características dos destinatários, nomeadamente, se dão mais autocolantes aos destinatários moralmente merecedores e necessitados, do que aos destinatários moralmente não merecedores e não necessitados;

c) Há diferenças em função da idade relativamente ao efeito que as características dos destinatários têm sobre a partilha das crianças, nomeadamente se, essa diferenciação é mais acentuada nas crianças mais velhas (cinco anos), do que nas crianças mais novas (três e quatro anos);

## MÉTODO

### Participantes

Participaram neste estudo 186 crianças, provenientes de dezasseis escolas de Lisboa, 62 crianças de três anos ( $M = 43,45$ ;  $DP = 3,42$ ), 62 crianças de quatro anos ( $M = 53,87$ ;  $DP = 4,15$ ) e 62 crianças de cinco anos ( $M = 66,79$ ;  $DP = 3,49$ ). Em cada um dos grupos etários havia o mesmo número de rapazes e raparigas. Todas as crianças participantes eram fluentes em português. A idade de entrada das crianças para a escola oscilava entre os 1,5 meses e os 41 meses ( $M = 16,312$ ;  $DP = 11,530$ ).

As mães das crianças tinham idades compreendidas entre os 25 e os 48 anos ( $M = 37,43$ ;  $DP = 4,580$ ) e os pais entre os 26 e os 55 anos ( $M = 39,24$ ;  $DP = 5,116$ ). Em relação às origens étnicas dos participantes, as nacionalidades das cuidadoras, eram: Portuguesa (92,3%); Brasileira (2,2%); Alemã (1,1%); Moldava (0,5%); Guineense (0,5%); Francesa (0,5%); Espanhola (0,5%); Russa (0,5%); Chilena (0,5%); Búlgara (0,5%); Chinesa (0,5%) e dos cuidadores eram: Portuguesa (95%); Brasileira (1,1%); Cabo Verdiana (0,6%); Moldava (0,6%); Italiana (0,6%); Francesa (0,6%); Moçambicana (0,6%); Búlgara (0,6%); Chinesa (0,6%).

Em relação às habilitações literárias das mães: 0,5% tinham o 4º ano de escolaridade, 1,1% o sexto ano, 5,5% o 9º ano, 15,4% o 12º ano, 2,7% um bacharelato, 54,4% uma licenciatura, 17% um mestrado e 3,3% um doutoramento. Em relação às habilitações literárias dos pais: 0,6% tinham o 4º ano de escolaridade, 0,6% o sexto ano, 8,6% o 9º ano, 23,5% o 12º ano, 1,7% um bacharelato, 44,7% uma licenciatura, 15,1% um mestrado, 5% um doutoramento.

## **Instrumento**

No presente estudo, o comportamento de partilha foi medido através do Jogo do Ditador (Kahneman et al., 1986), numa versão desenvolvida por Malti e colaboradores (2016). Nesta versão, o participante tem que distribuir dez autocolantes por nove destinatários: neutro, moralmente merecedor (partilha, não empurra), moralmente não merecedor (não partilha, empurra), em necessidade (com poucos brinquedos, triste) e sem necessidade (com brinquedos, contente). Foram utilizados dez autocolantes, pois este número já foi usado com crianças entre os três e os cinco anos (Blake & Rand, 2010; Gummerum et al., 2010) e essa quantidade permite a opção de se fazer uma divisão igual entre duas pessoas (Benenson et al., 2007).

A criança começa por receber dez autocolantes, que são colocados em fila na mesa onde se encontra. De seguida, pede-se à criança para contar os autocolantes. Depois da contagem, é dito à criança que aqueles autocolantes são para si, no entanto, tem a oportunidade de os partilhar (ou não) com outras crianças. Destaca-se sempre que essas crianças são de outra escola, portanto, nunca terá oportunidade de as conhecer, apenas irá ver imagens das mesmas (mostradas pelo experimentador). As crianças hipotéticas estão desenhadas em vários cartões e têm a mesma idade e género que o participante (Gummerum et al., 2010).

Posteriormente, o experimentador coloca em cima da mesa nove cartões, uma caixa e um envelope. Os nove cartões são mostrados ao participante e refere-se que vai ouvir uma história sobre cada criança que está desenhada no respetivo cartão. No final de cada história, o participante deve deixar os autocolantes que quer para si dentro da caixa e os autocolantes que quer dar à outra criança dentro do envelope. É então pedido à criança, que coloque os seus autocolantes na caixa. Em cada cartão o participante recebe sempre dez autocolantes. (Ver Anexo B).

Por fim, o experimentador explica à criança que depois de contar cada história, vai virar-se de costas para não ver se ela dá ou não autocolantes, portanto, é pedido ao participante para avisar o experimentador, sempre que acabar a distribuição dos autocolantes e tiver fechado o envelope e a caixa. Este procedimento é realizado (ou seja, o experimentador desvia o olhar explicitamente para a criança poder realizar a partilha dos autocolantes sem ser observada) com o objetivo de minimizar as escolhas socialmente desejáveis (Malti et al., 2016).



Antes de dar início ao jogo, colocam-se as seguintes questões para confirmar se a criança compreendeu o que foi explicado: “Quantos autocolantes é que tens?” (resposta correta: Dez), “Onde colocas os autocolantes que queres para ti?” (resposta correta: Caixa), “Onde colocas os autocolantes que queres dar ao/à outro/a menino/a?” (resposta correta: Envelope). Posto isto, o experimentador só avança, quando a criança responde corretamente às questões.

Durante o jogo são apresentados nove cartões, primeiramente o destinatário neutro e depois oito cartões dos diferentes destinatários com características específicas. No total são utilizadas cinco condições: condição do destinatário neutro e quatro condições com duas características do destinatário cada. É importante salientar que para controlar efeitos de ordem, foi utilizada uma técnica de contrabalanceamento incompleta chamada “quadrado latino”, que é comumente utilizada para estudos com múltiplas condições (Malti et al., 2016).

As quatro condições são: (a) destinatários moralmente merecedores (uma criança que partilha bolachas com as outras crianças e uma criança que não empurra as outras crianças (Cronbach = 0.68); (b) destinatários moralmente não merecedores (uma criança que não partilha bolachas com as outras crianças e uma criança que empurra as outras crianças (Cronbach = 0.75); (c) destinatários necessitados (uma criança que tem poucos brinquedos e uma criança triste (Cronbach = 0.73); (d) destinatários não necessitados (uma criança que tem muitos brinquedos e uma criança feliz (Cronbach = 0.73) (Malti et al., 2016).

No final do jogo, o experimentador mostra uma folha com três *smiles* e ao apontar para cada um deles, pergunta à criança: “Gostaste muito, mais ou menos ou um bocadinho deste jogo?”. De seguida, agradece a sua participação e informa que os autocolantes que ganhou serão entregues à sua educadora, para os levar quando for para sua casa.

## **Procedimento**

Primeiramente, foram selecionados vários jardins-de-infância e colégios na zona de Lisboa. De seguida, foi enviado um e-mail à direção pedagógica de cada instituição, onde era explicado o objetivo do presente estudo e o procedimento de aplicação do instrumento. Quando as instituições demonstravam interesse em participar, era combinada uma reunião com a diretora pedagógica, com o intuito de esclarecer dúvidas que pudessem surgir, acordar os horários das entrevistas com as crianças e entregar os consentimentos informados destinados aos pais das crianças.

Na maioria das vezes, as educadoras de infância ficavam encarregues de entregar os consentimentos informados aos pais, portanto, as mesmas também eram colocadas a par do estudo. Assim, em cada instituição, os consentimentos informados eram entregues a todos os pais das crianças entre os três e os cinco anos. Quando reunidos o total dos consentimentos assinados, estavam reunidas todas as condições para a aplicação da prova.

Todas as crianças foram entrevistadas individualmente, numa sala disponibilizada pela respetiva instituição. Essa sala tinha sempre que reunir as seguintes condições: possuir uma mesa e duas cadeiras (de preferência da altura das crianças), não haver barulho ou ruídos dentro ou perto da sala e não entrarem ou estarem outras pessoas dentro da sala, pois, tal poderia prejudicar a aplicação do instrumento. O tempo de duração das entrevistas variou entre 15 a 30 minutos. A aplicação da prova foi realizada por uma estudante de psicologia, treinada consecutivamente para esta tarefa.

## RESULTADOS

### Dados descritivos

As médias e desvios-padrão do número de autocolantes partilhados pelas crianças em cada uma das condições e por grupos etários são apresentadas na tabela 1.

**Tabela 1.**

*Média e Desvio Padrão dos autocolantes dados por destinatário em função da idade*

	3 anos	4 anos	5 anos	Total
Destinatário	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>	<i>M (DP)</i>
Neutro	2,08 (2,601)	2,08 (2,411)	2,82 (2,532)	2,33 (2,527)
Partilha	2,52 (3,050)	2,97 (3,067)	3,84 (2,806)	3,11 (3,012)
Não Empurra	2,50 (2,727)	2,50 (2,929)	3,34 (2,548)	2,78 (2,753)
Não Partilha	2,32 (2,774)	2,85 (2,996)	2,85 (2,787)	2,68 (2,850)
Empurra	2,55 (3,092)	2,44 (2,797)	2,39 (2,524)	2,46 (2,800)
Poucos Brinquedos	2,48 (2,856)	2,58 (2,849)	3,94 (2,757)	3,00 (2,883)
Triste	2,27 (2,662)	2,82 (2,956)	3,77 (2,983)	2,96 (2,922)
Muitos Brinquedos	2,42 (2,743)	2,77 (2,994)	3,23 (2,682)	2,81 (2,814)
Contente	2,40 (2,814)	2,26 (2,495)	3,79 (2,847)	2,82 (2,796)

*Nota.* As médias variam entre 0 e 10

### Efeito das características do destinatário no desenvolvimento do comportamento de partilha

Para testar diferenças na partilha de autocolantes em função da idade das crianças e das características do destinatário, realizou-se uma ANOVA 3-way medidas repetidas 2 x 3 x 9 (Género x Grupo Etário x Destinatário). Embora não fizesse parte das hipóteses de estudo, investigar diferenças entre sexos, esta variável foi considerada para controlar possíveis efeitos relacionados com essa variável. Assim, as variáveis idade e sexo foram inseridas como fatores entre-sujeitos e as características do destinatário como fator intra-sujeitos.

O teste de Mauchly indicou que o pressuposto da esfericidade não se verificou para as características do destinatário, ( $\chi^2 (35) = 299,553, p < 0,05$ ). Assim, foi necessário corrigir a falta de esfericidade e para tal utilizou-se o Teste de Greenhouse-Geisser, pois é a correção mais conservadora para controlar o erro tipo I (Shaffer, 1995). Os graus de liberdade foram corrigidos usando a estimativa de esfericidade de Greenhouse-Geisser ( $\epsilon = 0,762; gl = 35$ ).

A análise dos resultados da ANOVA medidas repetidas revelou que não existem diferenças significativas na forma como os rapazes e as raparigas partilham autocolantes ( $F(6,093; 1096,725) = 1,214; p > 0,001$ ). Os resultados revelaram um efeito principal significativo para as características do destinatário ( $F(6,093; 1096,725) = 5,214; p < 0,001$ ), indicando que as crianças variam na forma como dão autocolantes aos diferentes destinatários. Contudo, este efeito principal foi qualificado por uma interação significativa entre a idade e as características do destinatário ( $F(12,186; 1096,725) = 3,039; p < 0,001$ ), indicando que essa variação ocorre de forma diferente consoante a idade.

### **Partilha por destinatário em função da idade**

Para explorar a interação entre a idade e as características do destinatário, realizaram-se testes post-hoc, com ajustes de Bonferroni (a correção de Bonferroni é conhecida como o método mais conservador para controlar o erro de tipo I) (Shaffer, 1995) que revelaram existir diferenças significativas ( $p < 0,05$ ) na quantidade de autocolantes partilhados com o destinatário que partilha entre os três e os cinco anos ( $p = 0,041$ ;  $M = 2,52$  para os três anos e  $M = 3,84$  para os cinco anos); com o destinatário com poucos brinquedos entre os três e os cinco anos ( $p = 0,015$ ;  $M = 2,48$  para os três anos) e entre os quatro e os cinco anos ( $p = 0,026$ ;  $M = 2,58$  para os quatro anos e  $M = 3,94$  para os cinco anos); com o destinatário triste entre os três e os cinco anos ( $p = 0,012$ ;  $M = 2,27$  para os três anos e  $M = 3,77$  para os cinco anos); com o destinatário contente entre os três e os cinco anos ( $p = 0,015$ ;  $M = 2,40$  para os três anos) e entre os quatro e os cinco anos ( $p = 0,006$ ;  $M = 2,26$  para os quatro anos e  $M = 3,79$  para os cinco anos). Em todas estas condições (partilha, poucos brinquedos, triste e contente) as crianças mais velhas deram, em média, significativamente mais autocolantes do que as mais novas (Tabela 1).

Não se verificaram diferenças significativas na quantidade de autocolantes partilhados ( $p > 0,05$ ) entre as diferentes idades em relação ao destinatário neutro, não empurra, não partilha, empurra e muitos brinquedos, ou seja, as crianças de diferentes idades partilham em média os mesmos autocolantes em todas estas condições.

### **Partilha por idade em função do destinatário**

Os resultados dos testes post-hoc também revelaram não haver diferenças significativas na quantidade de autocolantes partilhados pelas crianças de três anos, quando comparados os autocolantes dados em cada uma das condições ( $p > 0,05$ ). Estes resultados indicam que as crianças de três anos partilharam em média a mesma quantidade de autocolantes com cada um dos destinatários. O mesmo padrão foi detetado aos quatro anos ( $p > 0,05$ ).

No entanto, este padrão altera-se aos cinco anos ( $p < 0,05$ ). Há diferenças significativas na quantidade de autocolantes partilhados entre os destinatários neutro e poucos brinquedos ( $p = 0,015$ ;  $M = 2,82$  para neutro e  $M = 3,94$  para poucos brinquedos); neutro e contente ( $p = 0,023$ ;  $M = 2,82$  para neutro e  $M = 3,79$  para contente); não partilha e partilha ( $p = 0,006$ ;  $M = 2,85$  para não partilha e  $M = 3,84$  para partilha); não partilha e poucos brinquedos ( $p = 0,026$ ;  $M = 2,85$  para não partilha e  $M = 3,94$  para poucos brinquedos); não partilha e triste ( $p = 0,013$ ;  $M = 2,85$  para não partilha e  $M = 3,77$  para triste); não partilha e contente ( $p = 0,029$ ;  $M = 2,85$  para não partilha e  $M = 3,79$  para contente); empurra e partilha ( $p = 0,000$ ;  $M = 2,39$  para empurra e  $M = 3,84$  para partilha); empurra e não empurra ( $p = 0,007$ ;  $M = 2,39$  para empurra e  $M = 3,34$  para não empurra); empurra e poucos brinquedos ( $p = 0,000$ ;  $M = 2,39$  para empurra e  $M = 3,94$  para poucos brinquedos); empurra e triste ( $p = 0,000$ ;  $M = 2,39$  para empurra e  $M = 3,77$  para triste); empurra e contente ( $p = 0,000$ ;  $M = 2,39$  para empurra e  $M = 3,79$  para contente) (Tabela 1).

No seu conjunto, estes dados indicam que as crianças de cinco anos dão significativamente mais autocolantes aos destinatários contente e com poucos brinquedos, do que ao destinatário neutro. Assim como, dão significativamente menos autocolantes ao destinatário que não partilha, do que aos destinatários contente, triste, sem brinquedos e partilha; e dão significativamente menos autocolantes ao destinatário que empurra, do que aos destinatários contente, triste, sem brinquedos, não empurra e partilha. Deste modo, os destinatários moralmente não merecedores foram os que tiveram mais impacto na forma diferenciada das crianças darem autocolantes. Em suma, ao olhar para os padrões de partilha das crianças de cinco anos, é possível concluir que beneficiam o destinatário contente e com poucos brinquedos e penalizam o destinatário que não partilha e que empurra.

## DISCUSSÃO

O estudo atual pretendeu investigar se crianças de três, quatro e cinco anos diferenciam a forma como doam recursos, numa situação de partilha com custo (i.e., em que os recursos partilhados poderiam ser seus) em função de diferentes características dos destinatários. Mais concretamente, procurou-se contribuir para uma maior compreensão do desenvolvimento do comportamento de partilha em idades pré-escolares.

### **Condição Neutra**

No presente estudo, não se observaram diferenças significativas nas médias de autocolantes partilhados pelas crianças das diferentes idades em relação ao destinatário neutro, o que significa que as crianças doam aproximadamente os mesmos recursos quando estão a partilhar em contextos onde são dadas poucas pistas contextuais (i.e apenas a idade e o sexo do destinatário). Estes resultados vão ao encontro de alguns estudos anteriores que investigaram o comportamento de partilha em idade pré-escolar, com o Jogo do Ditador, nos quais também se observou que as crianças entre os três e os cinco anos doaram em média os mesmos autocolantes (e.g., Benenson et al., 2007; Blake & Rand, 2010).

No entanto, apesar de no presente estudo os resultados não serem significativos, as crianças de cinco anos ( $M = 2,82$ ), deram mais autocolantes do que as crianças de três e quatro anos, que deram em média o mesmo número de autocolantes ( $M = 2,08$ ). Tal como é referido em alguns estudos com o Jogo do Ditador, observou-se um pequeno aumento da quantidade de autocolantes partilhados com o destinatário neutro, dos três/quatro anos para os cinco anos, ou seja, já é possível notar a tendência para uma maior partilha de autocolantes com o aumento da idade (e.g., Gummerum et al., 2010; Fehr et al., 2008).

### **Restantes Condições**

O presente estudo indica que as crianças de três, quatro e cinco anos não apresentaram diferenças significativas na quantidade de autocolantes partilhados em relação aos destinatários que não empurra, não partilha, empurra e com muitos brinquedos, ou seja, as crianças de diferentes idades partilharam, em média, a mesma quantidade de autocolantes em todas estas condições. Contudo, verificaram-se diferenças significativas na quantidade de autocolantes partilhados pelos vários grupos etários, em relação ao destinatário que partilha (apenas entre os três e os cinco anos), com poucos brinquedos (entre os três e os cinco anos e entre os quatro e os cinco anos), triste (apenas entre os três e os cinco anos) e contente (entre os três e os cinco anos e entre os quatro e os cinco anos), diferenças estas em que as crianças mais velhas partilharam, em média, mais autocolantes do que as crianças mais novas em todas as condições.

É possível notar que quando os participantes recebem pistas contextuais, as crianças de cinco anos mostram uma maior sensibilidade do que as crianças mais novas (três e quatro anos) nas condições moralmente merecedoras (i.e, partilha), de necessidade (i.e., poucos brinquedos e triste) e de não necessidade (i.e, contente). No estudo de Malti e colaboradores (2016) as crianças mais velhas, também dão mais autocolantes aos destinatários que partilha, com poucos brinquedos e triste.

Porém, estas diferenças não foram observadas em todas as condições moralmente merecedoras (i.e., não empurra) e de não necessidade (i.e, muitos brinquedos), assim como não foram de todo observadas nas condições moralmente não merecedoras (i.e, não partilha e empurra). Estes resultados sugerem que existem certas características de alguns destinatários que são suficientemente salientes, para permitir que as crianças mais velhas (cinco anos), partilhem mais autocolantes que as mais novas (três e quatro anos).

Futuros estudos deverão investigar as razões pelas quais se verificaram estas diferenças de desenvolvimento, por exemplo, até que ponto essas diferenças podem estar relacionadas com uma maior compreensão de certas emoções e regras morais, ou com as experiências individuais de cada criança, como as interações sociais com os pares e os educadores.

### **Partilha em cada grupo etário**

Relativamente ao modo como as crianças de cada grupo etário partilharam autocolantes com os diferentes destinatários, verificou-se que as crianças de três e quatro anos deram em média os mesmos autocolantes a todos os destinatários, ou seja, as crianças destas faixas etárias ainda não utilizam pistas contextuais, para adaptarem as suas decisões de partilha. Estes resultados vão no sentido do estudo de Malti e colaboradores (2016), onde as crianças de quatro anos, também não adaptaram as suas decisões de partilha em relação aos destinatários não necessitados e moralmente não merecedores. Tal, pode estar relacionado com o facto de as crianças mais novas possuírem habilidades relacionadas com a teoria da mente menos avançadas e estarem nos estágios iniciais do raciocínio moral, o que pode reduzir a sua capacidade para ter em consideração a necessidade/não necessidade e a moralidade/não moralidade dos destinatários quando estão a partilhar (Peterson, Wellman, & Slaughter, 2012; Wellman & Liu, 2004).

Contudo, aos cinco anos, as crianças já adaptaram as suas decisões de partilha às características do destinatário. No presente estudo os participantes de cinco anos deram significativamente mais autocolantes ao destinatário contente ( $M= 3,79$ ), do que ao destinatário neutro ( $M= 2,82$ ). Estes resultados vão ao encontro do estudo de Mali e colaboradores (2016), no qual as crianças em idade pré-escolar não reduziram a partilha de autocolantes, mesmo percebendo que o destinatário não é necessitado. Malti e colaboradores (2016) sugerem que as crianças podem apresentar este comportamento, pois simplesmente querem manter o destinatário contente. Um estudo de Denham (1986) também corrobora estes resultados, ao mencionar que as crianças pré-escolares responderam com o aumento de reações prosociais, a exibições emocionais felizes de pares durante o jogo livre.

As mesmas crianças deram significativamente mais autocolantes ao destinatário com poucos brinquedos ( $M= 3,94$ ), do que ao destinatário neutro ( $M= 2,82$ ). No estudo de Malti e colaboradores (2016), tanto as crianças de quatro anos, como de oito anos, doaram mais autocolantes ao destinatário com poucos brinquedos, sendo esta uma tendência que aumentou com a idade. Outros estudos, que pedem às crianças para na sequência de uma história apresentada, decidirem como os personagens devem distribuir recursos, vão também neste sentido, ao reportarem que as crianças aos cinco anos já tendem a partilhar mais com os destinatários pobres, do que com os destinatários ricos (Huntsman, 1984; Zinser, Perry & Edgar, 1975). Como desde cedo as crianças atribuem um impacto negativo aos mais pobres (Sigelman, 2013) e mostram simpatia por sujeitos em necessidade (Malti et al., 2012; Ongley & Malti, 2014), é possível especular que tal motive uma maior partilha de autocolantes com este destinatário.

As crianças de cinco anos, também deram significativamente menos autocolantes ao destinatário que não partilha ( $M= 2,85$ ), do que aos destinatários contente ( $M= 3,79$ ), triste ( $M= 3,77$ ), poucos brinquedos ( $M= 3,94$ ) e que partilha ( $M= 3,84$ ); e deram significativamente menos autocolantes ao destinatário que empurra ( $M= 2,39$ ), do que aos destinatários contente ( $M= 3,79$ ), triste ( $M= 3,77$ ), poucos brinquedos ( $M= 3,94$ ), que não empurra ( $M= 3,34$ ) e partilha ( $M= 3,84$ ). Deste modo, os destinatários moralmente não merecedores foram os que tiveram mais impacto na forma diferenciada das crianças darem autocolantes.



Ao comparar estes resultados com o estudo de Malti e colaboradores (2016), este padrão de partilha já se assemelha ao das crianças de oito anos de idade, que doaram menos autocolantes aos destinatários moralmente não merecedores. O estudo de Kenward e Dahl (2011) sobre partilha com custos, onde as crianças assistiram a interações entre marionetas, também corrobora estes resultados, uma vez que, as crianças de cinco anos partilharam menos bolachas com um destinatário violento e não altruísta e partilham mais bolachas com um destinatário não violento e altruísta.

Em suma, as crianças de cinco anos já adaptam as suas decisões de partilha em relação a alguns destinatários, ou seja, beneficiam o destinatário contente e com poucos brinquedos e penalizam o destinatário que não partilha e que empurra. Tal significa, que a não necessidade, a necessidade e o não merecimento moral dos destinatários, tem impacto nas decisões de partilha das crianças deste grupo etário.

## **Conclusão**

No seu conjunto, os dados do presente estudo demonstram que as pistas contextuais têm importância na forma como as crianças pré-escolares partilham. Estes resultados suportam parcialmente a perspectiva de que o comportamento de partilha em idades pré-escolares varia em função das características dos destinatários (e.g., Malti et al., 2016), não seguindo a trajetória de desenvolvimento proposta por Damon (1975).

No entanto, estes resultados, também oferecem parcialmente apoio à sequência de desenvolvimento proposta por Damon. Primeiramente, a média de recursos doados pelo total dos participantes, indica que estes manifestaram uma forte tendência para partilharem menos de metade dos seus autocolantes com todos os destinatários, mesmo com aqueles que se encontravam em situações moralmente merecedoras e de necessidade. Tal parece sugerir um estilo de partilha que assenta numa maior priorização dos interesses pessoais e numa menor consideração dos desejos e necessidades dos outros, como é proposto por Damon (1975). Além disso, também parece indicar que os participantes ainda não apresentam uma aversão à desigualdade, que segundo alguns estudos com o Jogo do Ditador só começa a surgir a partir dos cinco anos de idade (e.g., Fehr et al., 2008).

Finalmente, as crianças de três e quatro anos não variaram, em média, o número de autocolantes partilhados em função das diferentes características dos destinatários, ou seja, os participantes destas faixas etárias ainda não conseguem considerar características, como a necessidade do destinatário, tal como proposto por Damon. Tendo em conta os estudos que indicam que há uma sequência de desenvolvimento no comportamento de partilha e no raciocínio de justiça distributiva, estes dados vão ao encontro do que é esperado, por essas perspetivas, em crianças pré-escolares (e.g., Gummerum et al., 2008).

Ao conciliar as duas perspetivas, podemos pensar no estudo de Sigelman e Waitzman (1991) que ao tomar decisões de partilha, os jovens de treze anos eram significativamente mais sensíveis à informação contextual, do que as crianças de cinco anos. Assim, tanto as pistas situacionais, como a idade parecem desempenhar um papel importante nas decisões de partilha das crianças.

### **Limitações**

Como limitações, há que ter em conta que a amostra do presente estudo foi selecionada por conveniência e que por sua vez incluía crianças que maioritariamente provinham de famílias com habilitações literárias elevadas (i.e, metade dos pais tinha uma licenciatura). Futuramente seria interessante a replicação deste estudo com crianças que provêm de famílias com habilitações literárias mais baixas, para perceber se há diferenças na forma de partilhar. Benenson e colaboradores (2007) identificaram essas diferenças consoante o nível socioeconómico.

Outra limitação, é que apesar de no presente estudo, partilhar recursos acarretar custos reais e evidentes para as crianças, o que se assemelha a um comportamento que tem implicações na vida real (Fehr et al., 2008), a validade ecológica destes resultados fica por demonstrar. O facto de os destinatários serem crianças anónimas e hipotéticas (o que não se relaciona com os comportamentos de partilha que ocorrem no dia-a-dia das crianças), assim como o facto de a partilha ser avaliada numa situação laboratorial, não permite garantir que o comportamento avaliado nesta situação é um indicador válido dos comportamentos de partilha nas situações da vida real das crianças. Neste sentido, seria interessante replicar o presente estudo num contexto naturalista, de modo a validar os resultados obtidos.

Um efeito de desejabilidade social poderá ter estado presente no comportamento de partilha das crianças. Apesar do baixo número de partilhas (as crianças partilharam menos de metade dos seus autocolantes com todos os destinatários) poder indicar que esse efeito não foi marcante e do procedimento ter sido delineado de modo a que o experimentador tivesse pouca informação sobre os autocolantes doados (o experimentador foi treinado para desviar o olhar, enquanto as crianças partilhavam autocolantes), o facto é que o experimentador estava presente quando as crianças realizavam a partilha dos autocolantes, portanto, não é possível ter a certeza que as partilhas dos participantes foram independentes da desejabilidade social.

Outra limitação importante é que, não foi pedido aos participantes para explicar qual tinha sido o seu raciocínio quando partilharam os autocolantes com os destinatários. A decisão de não avaliar o raciocínio moral foi realizada pelos seguintes motivos: Em estudos anteriores, apesar de as crianças entre os três e os quatro anos entenderem as regras morais, só uma proporção muito pequena é que conseguiu verbalizar um raciocínio elaborado sobre o seu comportamento moral (e.g., Malti & Keller, 2010); Como o experimentador não observava a partilha dos autocolantes por parte das crianças durante a aplicação da prova, não faria sentido pedir-lhes uma explicação sobre as suas atribuições. Assim, muitas das explicações propostas para justificar a partilha das crianças são especulativas e merecem mais estudos, no sentido de compreender se quando as crianças de diferentes idades estão a partilhar, existem princípios de justiça distributiva que estão subjacentes.

Por último, como este é um estudo transversal, não é possível acompanhar a trajetória de desenvolvimento das mesmas crianças ao longo do tempo. Como a tendência de uma possível trajetória de desenvolvimento foi investigada através da comparação dos três grupos de idade, há sempre a hipótese de os resultados encontrados resultarem de diferenças entre os grupos de idade e não de diferenças desenvolvimentais. Porém, vários estudos transversais (e.g., Benenson et al., 2007) e longitudinais (e.g., Malti et al., 2012) semelhantes à presente investigação, corroboram e sustentam estes resultados. Ainda assim, estudos futuros deverão verificar se a tendência de desenvolvimento sugerida pelos dados deste e de outros estudos se observa em amostras estudadas longitudinalmente.

Apesar das limitações que o estudo atual apresenta, este fornece novas informações sobre a influência que a variação das pistas contextuais (ou seja, as características do destinatário) têm nas decisões de partilha das crianças pré-escolares numa amostra da população portuguesa e salienta a importância de se continuar a refinar as teorias sobre o desenvolvimento do comportamento de partilha.

## REFERÊNCIAS

- Baumard, N., Mascaró, O., & Chevallier, C. (2012). Preschoolers are able to take merit into account when distributing goods. *Developmental Psychology*, 48(2), 492–498. doi:10.1037/a0026598
- Barrett, D. E., & Yarrow, M. R. (1977). Prosocial Behavior, Social Inferential Ability, and Assertiveness in Children. *Child Development*, 48(2), 475–481. doi:10.2307/1128642
- Benenson, J. F., Pascoe, J., & Radmore, N. (2007). Children's altruistic behavior in the dictator game. *Evolution and Human Behavior*, 28(3), 168–175. doi:10.1016/j.evolhumbehav.2006.10.003
- Blake, P. R., & Rand, D. G. (2010). Currency value moderates equity preference among young children. *Evolution and Human Behavior*, 31(3), 210–218. doi:10.1016/j.evolhumbehav.2009.06.012
- Carlo, G. (2006). Care-based and altruistically-based morality. In M. Killen & J. Smetana (Eds.), *Handbook of moral development* (pp. 551–579). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Chernyak, N., & Kushnir, T. (2013). Giving preschoolers choice increases sharing behavior. *Psychological Science*, 24(10), 1971–1979. doi:10.1177/0956797613482335
- Dalbert, C., & Umlauft, S. (2009). The role of the justice motive in economic decision making. *Journal of Economic Psychology*, 30, 172–180. doi: 10.1016/j.joep.2008.07.006
- Damon, W. (1975). Early conceptions of positive justice as related to the development of logical operations. *Child Development*, 46(2), 301–312. doi:10.2307/1128122
- Denham, S. A. (1986). Social cognition, prosocial behavior, and emotion in preschoolers: Contextual validation. *Child Development*, 57(1), 194–201. doi:10.2307/1130651
- Eisenberg, N., & Fabes, R. A. (1998). Prosocial development. In W. Damon & N. Eisenberg (Eds.), *Handbook of child psychology: Vol 3. Social, emotional and personality development* (pp. 701–778). New York: Wiley.
- Fehr, E., Bernhard, H., & Rockenbach, B. (2008). Egalitarianism in young children. *Nature*, 454, 1079–1083. doi:10.1038/nature07155
- Fehr, E. & Schmidt, K. M. (1999). A Theory of Fairness, Competition, and Cooperation. *Quarterly Journal of Economics*, 114, 817–868. doi:10.1162/003355399556151

- Gummerum, M., Hanoch, Y., & Keller, M. (2008). When child Development meets economic game theory: An interdisciplinary approach to investigating social development. *Human Development*, 51(4), 235–261. doi:10.1159/000151494
- Gummerum, M., Hanoch, Y., Keller, M., Parsons, K., & Hummel, A. (2010). Preschoolers' allocations in the dictator game: The role of moral emotions. *Journal of Economic Psychology*, 31(1), 25–34. doi:10.1016/j.joep.2009.09.002
- Huntsman, R. W. (1984). Children's concepts of fair sharing. *Journal of Moral Education*, 13(1), 31–39. doi:10.1080/0305724840130106
- Kahneman, D., Knetsch, J. L., & Thaler, R. H. (1986). Fairness and the assumptions of economics. *Journal of Business*, 59, 285–300. doi:10.1086/296367
- Kenward, B., & Dahl, M. (2011). Preschoolers distribute scarce resources according to the moral valence of recipients' previous actions. *Developmental Psychology*, 47(4), 1054–1064. doi:10.1037/a0023869
- Kienbaum, J., & Wilkening, F. (2009). Children's and adolescents' intuitive judgments about distributive justice: Integrating need, effort, and luck. *European Journal of Developmental Psychology*, 6(4), 481–498. doi:10.1080/17405620701497299
- Levitt, M. J., Weber, R. A., Clark, M., & McDonnell, P. (1985). Reciprocity of exchange in toddler sharing behavior. *Developmental Psychology*, 21(1), 122–123. doi:10.1037/0012-1649.21.1.122
- Malti, T., Gummerum, M., Keller, M., Chaparro, M. P., & Buchmann, M. (2012). Early sympathy and social acceptance predict the Development of sharing in children. *Plos ONE*, 7(12), 1-7. doi:10.1371/journal.pone.0052017
- Malti, T., Gummerum, M., Ongley, S., Chaparro, M., Nola, M., & Bae, N. Y. (2016). “Who is worthy of my generosity?” Recipient characteristics and the development of children's sharing. *International Journal Of Behavioral Development*, 40(1), 31-40. doi: 10.1177/0165025414567007
- Malti, T., & Keller, M. (2010). The development of moral emotions in a cultural context. In W. F. Arsenio & E. A. Lemerise (Eds.), *Emotions, aggression, and morality in children: Bridging development and psychopathology* (pp. 177–198). Washington, DC: American Psychological Association. doi:10.1037/12129-009

- McGillicuddy-De Lisi, L. A., Watkins, C., & Vinchur, A. (1994). The effect of relationship on children's distributive justice reasoning. *Child Development*, 65(6), 1694–1700. doi:10.1111/j.1467-8624.1994.tb00843.x
- Moore, C. (2009). Fairness in resource allocation in young children depends on recipient. *Psychological Science*, 20(8), 944–948. doi:10.1111/j.1467-9280.2009.02378.x
- Ongley, S. F., & Malti, T. (2014). The role of moral emotions in the development of children's sharing behavior. *Developmental Psychology*, 50(4), 1148–1159. doi:10.1037/a0035191
- Peterson, C. C., Wellman, H. M., & Slaughter, V. (2012). The mind behind the message: Advancing theory-of-mind scales for typically developing children, and those with deafness, autism, or Asperger syndrome. *Child Development*, 83(2), 469–486. doi:10.1111/j.1467-8624.2011.01728.x
- Piaget, J. (1932). *Le jugement moral chez l'enfant* [The moral judgment of the child]. Paris, France: Presses Universitaires de France.
- Shaffer, J. P. (1995). Multiple hypothesis testing. *Annual Review of Psychology*, 46, 561–584. doi:10.1146/annurev.ps.46.020195.003021
- Shaw, A., & Olson, K. R. (2012). Children discard a resource to avoid inequity. *Journal of Experimental Psychology: General*, 141(2), 382–395. doi:10.1037/a0025907
- Sigelman, C. K. (2013). Age differences in perceptions of rich and poor people: Is it skill or luck? *Social Development*, 22(1), 1–18. doi:10.1111/sode.12000
- Sigelman, C. K., & Waitzman, K. A. (1991). The development of distributive justice orientations: Contextual influences on children's resource allocations. *Child Development*, 62(6), 1367–1378. doi:10.1111/j.1467-8624.1991.tb01611.x
- Underwood, B. & Moore, B. (1982). The Generality of Altruism in Children. In N., Eisenberg (Eds.). *The Development of Prosocial Behavior* (pp. 25-52). New York: Academic press.
- Wellman, H. M., & Liu, D. (2004). Scaling of theory-of-mind tasks. *Child Development*, 75(2), 523–541. doi:0009-3920/2004/7502-0020
- Zahn-Waxler, C., Radke-Yarrow, M., Wagner, E., & Chapman, M. (1992). Development of concern for others. *Developmental Psychology*, 28(1), 126–136. doi:10.1037/0012-1649.28.1.126

Zinser, O., Perry, J. S., & Edgar, R. M. (1975). Affluence of recipient, value of donations, and sharing behavior in preschool children. *Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 89, 301–305. doi:10.1080/00223980.1975.9915766

## **ANEXOS**



## **ANEXO A**

## **Comportamento pró-social e Comportamento de partilha**

O comportamento pró-social é definido como um comportamento através do qual um sujeito beneficia o(s) outro(s) (Eisenberg & Fabes, 1998), manifestando-se numa variedade de respostas pró-sociais, como partilhar, ajudar e reconfortar (Underwood & Moore, 1982). Este tipo de respostas pró-sociais envolvem diferentes custos, esforços e competências, logo, têm significados provavelmente bem distintos para as crianças (Eisenberg, Cameron & Tryon, 1984).

Estudos têm mostrado que as primeiras formas de comportamento pró-social surgem no segundo ano de vida (Zahn-Waxler, Radke-Yarrow, Wagner & Chapman, 1992). Apesar de vários estudos mostrarem que a prosocialidade está presente desde a infância (Moore, 2009), em termos desenvolvimentais sabe-se que aumenta até ao início da adolescência (Eisenberg & Fabes, 1998).

O comportamento pró-social é multifacetado e complexo, sendo proposto na literatura que diferentes tipos deste comportamento têm diferentes origens e trajetórias desenvolvimentais (Underwood & Moore, 1982). Tal aponta para o benefício de especificar o tipo de comportamento pró-social a ser estudado, de modo a que não haja confusões conceituais e metodológicas (Fehr, Bernhard & Rockenbach, 2008).

O presente estudo foca-se no comportamento de partilha, geralmente definido como a doação voluntária de um ou mais recursos a outro(s) sujeito(s), quando inicialmente esses recursos estavam na posse da criança (Barrett & Yarrow, 1977). Esta característica do comportamento social humano está presente na infância e perpetua-se ao longo de toda a vida (Kienbaum & Wilkening, 2009). Assim, a partilha de recursos contribui para a justiça, cuidado e cooperação nas interações sociais (Malti, Gummerum, Keller, Chaparro & Buchmann, 2012).

Para compreender o desenvolvimento do comportamento de partilha ao longo da infância, é essencial isolar este subtipo de comportamento prosocial (em geral) e de doação (mais especificamente), e ter em conta quais os critérios que as crianças evocam ou seguem quando querem distribuir recursos de forma justa com as outras pessoas (Kienbaum & Wilkening, 2009). O desenvolvimento da justiça distributiva (que está subjacente ao comportamento de partilha) foi investigado por vários autores que apresentam diferentes perspetivas sobre esta questão.

Damon (1975) ao entrevistar crianças entre os quatro e os oito anos sobre justiça, chegou à conclusão que crianças de diferentes idades, adotam critérios ou normas distintas para os seus comportamentos de partilha. Para este autor, aos três/quatro anos os critérios de justiça distributiva assentam nos interesses do próprio, ou seja, a criança tende a favorecer-se; aos quatro anos nas características externas e observáveis do destinatário, como a idade, o tamanho ou o sexo; aos cinco anos na igualdade, ou seja, para a criança todos devem receber o mesmo, independentemente da situação; aos seis/sete anos no mérito e merecimento; aos oito anos numa consideração mais complexa de normas como a equidade e a necessidade, que o sujeito já consegue aplicar dependendo da situação específica (para uma revisão ver: Gummerum, Hanoch, & Keller, 2008; Huntsman, 1984).

Assim, de acordo com Damon (1975) e Piaget (1932) o desenvolvimento da justiça distributiva está relacionado com o desenvolvimento cognitivo. As crianças mais novas baseiam-se em princípios cognitivamente menos exigentes de distribuição, como a igualdade, e as crianças mais velhas em princípios cognitivamente mais complexos e exigentes, como a necessidade e a equidade (Kienbaum & Wilkening, 2009).

Contudo, apesar de estudos empíricos mais recentes apoiarem esta sequência de desenvolvimento sobre a atribuição de recursos e raciocínio sobre a justiça distributiva nas crianças (e.g., Fehr et al., 2008; Gummerum et al., 2008), outros estudos apresentam dados que não sustentam esta sequência de desenvolvimento.

Estudos como o de McGillicuddy-De Lisi, Daly e Neal (2006) e de McGillicuddy-De Lisi, Watkins e Vinchur (1994) que investigaram se a justiça distributiva dependia das características sociais dos personagens de uma história, em crianças pré-escolares e escolares, demonstra isso mesmo. Em ambos os estudos, chegou-se à conclusão que a partilha não variava apenas com a idade, mas também dependia do facto de os personagens serem negros ou brancos (McGillicuddy-De Lisi et al., 2006), amigos ou não (McGillicuddy-De Lisi et al., 1994).

Também Malti, Gummerum, Ongley, Chaparro, Nola e Bae (2016) observaram que crianças de quatro e oito anos variam na forma como partilham autocolantes com destinatários, em que são dadas informações sobre a sua moralidade e necessidade. De acordo com Kenward e Dahl (2011) crianças de quatro e cinco anos, partilham menos com um destinatário violento e não altruísta e partilham mais com um destinatário não violento e altruísta. Zinser, Perry e Edgar (1975) mencionam que crianças a partir de quatro anos, demonstram mais inclinação para partilhar com destinatários pobres, do que ricos. Segundo Chernyak e Kushnir (2013) crianças de três e quatro anos, apresentam motivação para partilhar com um destinatário triste.

Em oposição a Damon, esta perspectiva sugere antes que as crianças de todas as idades têm uma série de princípios de justiça que aplicam dependendo das pistas situacionais, sendo esta uma tendência que aumenta mais tarde na infância (e.g., McGillicuddy-De Lisi et al., 1994; Sigelman & Waitzman, 1991).

O presente estudo tem como objetivo esclarecer esta questão contraditória na literatura, ou seja, compreender se o comportamento de partilha segue uma sequência de fases no desenvolvimento da justiça distributiva ou se o comportamento de partilha, varia em função das pistas situacionais apresentadas às crianças.

Os estudos que investigam este comportamento têm-se debruçado sobre dois tipos de partilha: sem custos e com custos. A partilha sem custos, é estudada através de tarefas onde a criança tem de distribuir recursos por diferentes sujeitos (hipotéticos ou reais), logo como estes nunca poderiam ser seus, a forma como distribui recursos pelos outros não acarreta custos para o próprio (e.g., Baumard, Mascaro & Chevallier, 2011). Já a partilha com custos, é estudada através de tarefas onde a criança tem de partilhar com outros sujeitos recursos que poderiam ser seus, logo partilhar acarreta custos para o próprio, pois implica ficar sem os mesmos (e.g., Shaw & Olson, 2012).

O presente estudo debruça-se sobre a partilha com custos, que normalmente envolve recursos considerados valiosos para a criança (Gummerum, Hanoch, Keller, Parsons, & Hummel, 2010). Assim, em comparação com a partilha sem custos, esta é mais desafiadora para o sujeito, pois envolve abdicar dos seus objetivos individuais para benefício dos interesses do outro (Benenson, Pascoe & Radmore, 2007).

Os estudos que investigam este comportamento também se têm focado em três tipos de destinatário, com quem a criança pode partilhar recursos: anónimos, amigos e familiares. A partilha com alguém anónimo, pode suscitar menos generosidade do que uma tarefa na qual o destinatário é um amigo ou um familiar, tal como mencionam alguns estudos (e.g., Ongley & Malti, 2014).

O presente estudo incide sobre a partilha com um destinatário anónimo. Este tipo de partilha é considerada altruísta, pois não apresenta expectativas de recompensas e assenta na vontade de sacrificar ganhos pessoais, tendo como motivação a preocupação em relação aos outros ou valores morais internalizados (Carlo, 2006). Nestas situações, o benefício para os outros pesa mais que o custo para si próprio (Eisenberg & Fabes, 1998).

## **Jogo do Ditador**

Uma das formas de estudar o comportamento de partilha e os seus padrões de desenvolvimento, mesmo em crianças pré-escolares, tem sido através do Jogo do Ditador (e.g., Benenson et al., 2007; Blake & Rand, 2010). Este instrumento é uma tarefa paradigmática, desenvolvida no contexto da economia experimental para medir o altruísmo e a justiça dos sujeitos (Kahneman, Knetsch, & Thaler, 1986).

Na versão mais simples do Jogo do Ditador (“one-shot version”), há duas pessoas envolvidas, um jogador/ditador e um destinatário, que permanecem sempre anónimos. O participante recebe recursos considerados valiosos (por exemplo, dinheiro, doces, autocolantes) e é informado que os pode ou não partilhar com o destinatário. O destinatário não pode rejeitar a oferta feita pelo participante, nem pode retribuir ou punir as suas ações. Desta forma, a não partilha de recursos não tem consequências negativas para o participante e a partilha não possui ganhos sociais ou benefícios externos. De acordo com os pressupostos da teoria económica clássica, os participantes que maximizam os seus próprios interesses, não dão nada ao destinatário (Gummerum et al., 2008; Malti et al., 2016).

Esta metodologia tem várias vantagens. Primeiramente, o Jogo do Ditador tem levado os investigadores a considerá-lo uma medida válida do comportamento altruísta em crianças muito novas, pois é suficientemente simples para o compreenderem (Benenson et al., 2007). Tal não se verifica com outros jogos económicos (e.g., o jogo do ultimato ou jogo de bens públicos), que até à data falharam devido à incapacidade que as crianças desta faixa etária têm em compreender a perspetiva dos outros jogadores envolvidos nesses jogos ou em realizar cálculos complexos que estes exigem (Benenson et al., 2007). Assim, enquanto muitas medidas experimentais, observacionais e questionários do comportamento pró-social não podem ser facilmente operacionalizadas para diferentes faixas etárias, a força deste paradigma económico comportamental reside no fato de o mesmo instrumento experimental, poder ser usado numa ampla gama de grupos etários, o que maximiza a capacidade de estabelecer comparações significativas em todo o desenvolvimento (Gummerum et al., 2008).

Em segundo lugar, o facto de o destinatário permanecer anónimo e não estar presente garante que a reciprocidade ou outras preocupações estratégicas não motivam as decisões do ditador (Blake & Rand, 2010). Neste sentido, é importante destacar que a reciprocidade é conhecida por influenciar o comportamento social, mesmo em crianças muito novas (Levitt, Weber, Clark & McDonnell, 1985).

Assim, é por esse motivo que Fehr e colaboradores (2008) mencionam que se o destinatário estivesse presente poderia influenciar o comportamento das crianças, correndo-se o risco de haver respostas de partilha, que teriam mais a ver com uma resposta estratégica com o objetivo obter recompensas, mesmo na ausência de uma preocupação genuína com a justiça.

Além disso, o Jogo do Ditador envolve apenas uma jogada (i.e., “one shot”), o que leva a que o destinatário não possa responder ou punir o participante numa futura jogada (como explicado com maior detalhe anteriormente), o que significa que as ofertas positivas do destinatário podem ser interpretadas como genuinamente altruístas, mostrando uma verdadeira preocupação com a justiça (Gummerum et al., 2008).

Apesar das suas qualidades, este instrumento apresenta algumas críticas como a falta de validade ecológica, o que constitui um preditor imperfeito do comportamento pró-social real (Benenson et al., 2007). Segundo Benenson e colaboradores (2007) é possível que as crianças se comportem de forma altruísta no Jogo do Ditador, devido à pressão social do entrevistador. Contudo, a metodologia está preparada para contornar esse fator, uma vez que é garantido à criança que a partilha de recursos é opcional e anónima (Benenson et al., 2007).

Apesar das críticas feitas, no presente estudo, optou-se por utilizar o Jogo do Ditador, pois ao contrário das medidas de comportamento pró-social que geralmente envolvem um custo baixo para a criança, este instrumento, permite medir o comportamento de partilha com outros anónimos, ao mesmo tempo que há custos tangíveis e reais para o jogador (Eisenberg & Fabes, 1998).

### **Jogo do Ditador com diferentes características do destinatário**

Com o objetivo de investigar se o comportamento de partilha varia em diferentes idades de acordo com uma sequência desenvolvimental (e.g., Damon, 1975; Piaget, 1932) ou em função de pistas situacionais (e.g., McGillicuddy-De Lisi et al., 1994; Sigelman & Waitzman, 1991), no presente estudo foi utilizada uma versão do Jogo do Ditador, desenvolvida por Malti e colaboradores (2016). As características da metodologia são as que já foram referidas anteriormente, no entanto, na versão apresentada por esta autora, é pedido à criança que partilhe autocolantes não apenas com um destinatário neutro, mas também com outros destinatários em que são dadas informações sobre a sua necessidade e merecimento moral.

Alguns estudos anteriores avaliaram o impacto que as características dos destinatários têm na partilha de crianças em idade pré-escolar e escolar (e.g., Baumard et al., 2012; Brownell, Svetlova, & Nichols, 2009; Moore, 2009). Porém, apenas o fizeram com um conjunto limitado de características (i.e. geralmente uma ou duas condições), como ser amigo ou não ser amigo (e.g. Moore, 2009). Assim como, num contexto de partilha sem custos para os participantes (e.g. Brownell et al., 2009).

Embora estudos sobre a partilha sem custos, tenham contribuído substancialmente para compreender como as características de merecimento moral (Baumard et al., 2012; Kenward & Dahl., 2011), de necessidade emocional (Davidov, Zahn-Waxler, Roth-Hanania & Knafo, 2013; Zahn-Waxler et al., 1992) e de necessidade material (Brownell et al., 2009; Kienbaum & Wilkening, 2009) influenciam a partilha de recursos das crianças, a partilha com custos permanece largamente inexplorada.

Que seja conhecido, apenas o estudo de Malti e colaboradores (2016) utilizou a metodologia do presente estudo, ao investigar em simultâneo como as características de merecimento moral e de necessidade dos destinatários (i.e, cinco condições), afetam as atribuições de recursos das crianças em idade pré-escolar e escolar, num contexto de partilha anónima e com custos. Os vários destinatários utilizados no presente, serão explicitados em seguida.

O destinatário neutro foi representado e descrito como tendo a mesma idade e género que o participante, mas sem atributos específicos. Esta condição permite comparar os resultados obtidos na mesma, com outros estudos que utilizaram o Jogo do Ditador na sua versão mais simples (e.g., Blake & Rand, 2010).

Os destinatários moralmente merecedores foram representados por uma criança que partilha bolachas com os outros e por uma criança que não empurra os outros. Por outro lado, os destinatários moralmente não merecedores foram representados por uma criança que não partilha bolachas com os outros e uma criança que empurra os outros. Estas condições que exemplificam o desrespeito e a transgressão de regras morais foram escolhidas pois de acordo com a meta-análise de Malti e Krettenauer (2013) apresentam uma comprovada evidência em julgamentos de crianças muito novas sobre a moralidade.

Os destinatários necessitados foram representados por uma criança com poucos brinquedos (materialmente necessitado) e por uma criança triste (emocionalmente necessitado). Os destinatários não necessitados foram representados por uma criança com muitos brinquedos e por uma criança contente. Estas dimensões da necessidade emocional e material foram escolhidas, pois em estudos anteriores conseguiram medir a resposta pró-social das crianças (e.g., Chernyak & Kushnir, 2013).

As crianças desde muito novas e à medida que se desenvolvem conseguem coordenar e integrar cada vez mais pistas situacionais e a perspectiva dos outros, mesmo em contextos de partilha com custos (Huntsman, 1984). Neste sentido, espera-se que no presente estudo as pistas contextuais introduzidas no Jogo do Ditador tenham impacto na forma como os participantes partilham autocolantes com os diferentes destinatários, tal como acontece no estudo de Malti e colaboradores (2016) com crianças de quatro e oito anos.

### **Desenvolvimento do comportamento de partilha no Jogo do Ditador**

Foram realizados vários estudos que utilizaram como instrumento o Jogo do Ditador em amostras de crianças pré-escolares e escolares (e.g., Benenson et al., 2007; Blake & Rand, 2010; Gummerum et al., 2010; Malti et al., 2012). No único estudo longitudinal até hoje realizado sobre a partilha infantil com esta metodologia, Malti e colaboradores (2012) descobriram que as doações de crianças suíças aos nove anos, foram mais elevadas que aos seis anos de idade. Gummerum e colaboradores (2010) num estudo transversal com o Jogo do Ditador, também chegaram à mesma conclusão, ou seja, as crianças mais novas (três anos) partilhavam menos, do que as crianças mais velhas (cinco anos).

Contudo, nem todos os estudos têm reportado este desenvolvimento linear no comportamento de partilha. O estudo de Benenson e colaboradores (2007) no qual participaram crianças de quatro, seis e nove anos e o de Blake e Rand (2010) com crianças entre os três e os seis anos, demonstraram isso mesmo. Ambos os estudos chegaram à conclusão que a probabilidade de dar algum autocolante no Jogo do Ditador aumentou com a idade, no entanto, o nível de partilha não mudou significativamente com a idade (Benenson et al., 2007; Blake & Rand, 2010). Quando se teve em conta apenas as crianças que decidiram partilhar, as crianças mais novas deram, em média, os mesmos autocolantes que as crianças mais velhas (Benenson et al., 2007; Blake & Rand, 2010).



Na procura das razões que levam à partilha de recursos no Jogo do Ditador, no qual não partilhar, não traz consequências negativas para o jogador, alguns estudos referem a aversão à desigualdade (e.g., Gummerum et al., 2010). Este conceito significa que o jogador não gosta de observar situações de injustiça, ou seja, onde um sujeito possui mais recursos que o(s) outro(s) (i.e, desigualdade) (Fehr & Schmidt, 1999). Tal leva a que o jogador sacrifique os seus próprios recursos pelo(s) outro(s), mesmo nas situações em que está acima da média (Fehr et al., 2008).

A aversão à desigualdade pode basear-se no compromisso com normas internalizadas, no reconhecimento de que as pessoas consideram injusto quando recebem menos do que os outros (com base na comparação social) ou no evitamento de reações negativas do outro, pois a aplicação de tais princípios no seu dia-a-dia, pode levar as crianças a generalizarem-nos para o Jogo do Ditador, mesmo que o destinatário não esteja presente e não haja punições por não partilhar ou benefícios por partilhar (Shaw & Olson, 2012). Neste sentido, Dalbert e Umlauf (2009) demonstram empiricamente que os motivos para as pessoas exercerem justiça (ou seja, a sua necessidade de restaurar a justiça quando confrontados com a injustiça) prevê atribuições iguais no Jogo do Ditador.

Estudos com esta metodologia mostram que a aversão à desigualdade está presente desde cedo, contudo tende a acentuar-se ao longo do desenvolvimento (e.g., Shaw & Olson, 2012). As crianças entre os três e os quatro anos estão dispostas a partilhar alguns recursos (no mínimo um autocolante), mas só entre os cinco e os oito anos é que as crianças preferem partilhar de forma igualitária com destinatários anónimos (Benenson et al., 2007; Blake & Rand, 2010; Fehr et al., 2008; Gummerum et al., 2010; Malti et al., 2016; Shaw & Olson, 2012). Assim, estudos com esta metodologia conseguiram demonstrar que, por volta do início do primeiro ciclo de escolaridade, as crianças demonstram uma forte aversão à desigualdade, mesmo quando poderiam obter mais recursos que os outros (Malti et al., 2016).

O presente estudo tem como objetivo contribuir para clarificar os dados contraditórios encontrados na literatura sobre o desenvolvimento do comportamento de partilha em crianças pré-escolares. Nomeadamente, como as crianças entre os três e os cinco anos de idade têm em consideração diferentes tipos de informações relacionadas com os destinatários, no seu comportamento de partilha.

## **Diferenças entre géneros na partilha no Jogo do Ditador**

As descobertas existentes sobre as diferenças de género na partilha de recursos no Jogo do Ditador são inconsistentes. Alguns estudos que utilizaram esta metodologia, com crianças entre os três e os nove anos de idade, demonstraram que as raparigas se comportam de forma mais altruísta do que os rapazes, ao partilharem mais recursos com o destinatário anónimo (e.g., Benenson et al., 2007; Gummerum et al., 2010). Estes resultados vão ao encontro de estudos sobre o desenvolvimento do comportamento pró-social em geral (Eisenberg & Fabes, 1998) e de estudos de campo sobre o comportamento de partilha com um destinatário anónimo (Eagly & Crowley, 1986).

Têm sido propostas diferentes explicações para as diferenças de género apresentadas. Do ponto de vista evolutivo, refere-se que essas diferenças podem existir porque as raparigas, mais do que os rapazes, manifestam um maior altruísmo em relação a pessoas que não são da sua família, a fim de reduzir a probabilidade de conflitos potenciais (Trivers, 1971). No entanto, não há nenhuma razão evolutiva para as raparigas se comportarem de forma mais altruísta em interações anónimas, como acontece no Jogo do Ditador, visto que, o destinatário não pode responder ou punir o participante, logo não há probabilidade de ocorrerem conflitos (Benenson et al., 2007).

Do ponto de vista social, segundo Eisenberg e Fabes (1998), as diferenças de género na partilha de recursos podem surgir devido às práticas de socialização dos pais/cuidadores, uma vez que geralmente os comportamentos altruístas são mais esperados nas raparigas do que nos rapazes e por sua vez há uma maior propensão para recompensar as raparigas por tais comportamentos, do que os rapazes.

No entanto, outros estudos com o Jogo do Ditador (e.g., Blake & Rand, 2010; Malti et al., 2012) reportam resultados diferentes. No estudo de Blake e Rand (2010), com crianças entre os três e os seis anos, apesar de as raparigas terem partilhado mais autocolantes do que os rapazes, dentro do grupo altruísta (i.e, grupo que partilhou com os destinatários anónimos), os dois géneros doaram quantidades similares de recursos em todas as condições do estudo. No estudo longitudinal de Malti e colaboradores (2012), as raparigas partilharam mais do que os rapazes aos seis e aos sete anos, mas essa diferença de género não foi observada aos nove anos.

## Referências

- Baumard, N., Mascaro, O., & Chevallier, C. (2012). Preschoolers are able to take merit into account when distributing goods. *Developmental Psychology*, 48(2), 492–498. doi:10.1037/a0026598
- Barrett, D. E., & Yarrow, M. R. (1977). Prosocial Behavior, Social Inferential Ability, and Assertiveness in Children. *Child Development*, 48(2), 475–481. doi:10.2307/1128642
- Benenson, J. F., Pascoe, J., & Radmore, N. (2007). Children's altruistic behavior in the dictator game. *Evolution and Human Behavior*, 28(3), 168–175. doi:10.1016/j.evolhumbehav.2006.10.003
- Brownell, C., Svetlova, M., & Nichols, S. (2009). To share or not to share: When do toddlers respond to another's needs? *Infancy*, 14(1), 117–130. doi:10.1080/15250000802569868
- Blake, P. R., & Rand, D. G. (2010). Currency value moderates equity preference among young children. *Evolution and Human Behavior*, 31(3), 210–218. doi:10.1016/j.evolhumbehav.2009.06.012
- Carlo, G. (2006). Care-based and altruistically-based morality. In M. Killen & J. Smetana (Eds.), *Handbook of moral development* (pp. 551–579). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Inc.
- Chernyak, N., & Kushnir, T. (2013). Giving preschoolers choice increases sharing behavior. *Psychological Science*, 24(10), 1971–1979. doi:10.1177/0956797613482335
- Dalbert, C., & Umlauf, S. (2009). The role of the justice motive in economic decision making. *Journal of Economic Psychology*, 30, 172–180. doi: 10.1016/j.joep.2008.07.006
- Damon, W. (1975). Early conceptions of positive justice as related to the development of logical operations. *Child Development*, 46(2), 301–312. doi:10.2307/1128122
- Davidov, M., Zahn-Waxler, C., Roth-Hanania, R., & Knafo, A. (2013). Concern for others in the first year of life: Theory, evidence, and avenues for research. *Child Development Perspectives*, 7(2), 126–131. doi:10.1111/cdep.12028
- Denham, S. A. (1986). Social cognition, prosocial behavior, and emotion in preschoolers: Contextual validation. *Child Development*, 57(1), 194–201. doi:10.2307/1130651

- Eagly, A. H., & Crowley, M. (1986). Gender and helping behaviour: A meta-analytic review of the social psychological literature. *Psychological Bulletin*, 100, 283– 308. doi:10.1037/0033-2909.100.3.283
- Eisenberg, N., Cameron, E. & Tryon, K. (1984). Prosocial behavior in the preschool years: methodological and conceptual issues. In N., Eisenberg (Eds.). *Development and Maintenance of Prosocial Behavior* (pp. 101-116). New York: Plenum Press.
- Eisenberg, N., & Fabes, R. A. (1998). Prosocial development. In W. Damon & N. Eisenberg (Eds.). *Handbook of child psychology: Vol 3. Social, emotional and personality development* (pp. 701–778). New York: Wiley.
- Fehr, E., Bernhard, H., & Rockenbach, B. (2008). Egalitarianism in young children. *Nature*, 454, 1079–1083. doi:10.1038/nature07155
- Fehr, E. & Schmidt, K. M. (1999). A Theory of Fairness, Competition, and Cooperation. *Quarterly Journal of Economics*, 114, 817-868. doi:10.1162/003355399556151
- Gummerum, M., Hanoch, Y., & Keller, M. (2008). When child Development meets economic game theory: An interdisciplinary approach to investigating social development. *Human Development*, 51(4), 235–261. doi:10.1159/000151494
- Gummerum, M., Hanoch, Y., Keller, M., Parsons, K., & Hummel, A. (2010). Preschoolers' allocations in the dictator game: The role of moral emotions. *Journal of Economic Psychology*, 31(1), 25–34. doi:10.1016/j.joep.2009.09.002
- Huntsman, R. W. (1984). Children's concepts of fair sharing. *Journal of Moral Education*, 13(1), 31–39. doi:10.1080/0305724840130106
- Kahneman, D., Knetsch, J. L., & Thaler, R. H. (1986). Fairness and the assumptions of economics. *Journal of Business*, 59, 285–300. doi:10.1086/296367
- Kenward, B., & Dahl, M. (2011). Preschoolers distribute scarce resources according to the moral valence of recipients' previous actions. *Developmental Psychology*, 47(4), 1054–1064. doi:10.1037/a0023869
- Kienbaum, J., & Wilkening, F. (2009). Children's and adolescents' intuitive judgments about distributive justice: Integrating need, effort, and luck. *European Journal of Developmental Psychology*, 6(4), 481–498. doi:10.1080/17405620701497299

- Levitt, M. J., Weber, R. A., Clark, M., & McDonnell, P. (1985). Reciprocity of exchange in toddler sharing behavior. *Developmental Psychology*, 21(1), 122–123. doi:10.1037/0012-1649.21.1.122
- Malti, T., Gummerum, M., Keller, M., Chaparro, M. P., & Buchmann, M. (2012). Early sympathy and social acceptance predict the Development of sharing in children. *Plos ONE*, 7(12), 1-7. doi:10.1371/journal.pone.0052017
- Malti, T., Gummerum, M., Ongley, S., Chaparro, M., Nola, M., & Bae, N. Y. (2016). “Who is worthy of my generosity?” Recipient characteristics and the development of children’s sharing. *International Journal Of Behavioral Development*, 40(1), 31-40. doi:10.1177/0165025414567007
- Malti, T., & Krettenauer, T. (2013). The relation of moral emotion attributions to prosocial and antisocial behavior: A meta-analysis. *Child Development*, 84(2), 397–412. doi:10.1111/j.1467-8624.2012.01851.x
- McGillicuddy-De Lisi, A. V., Daly, M., & Neal, A. (2006). Children's Distributive Justice Judgments: Aversive Racism in Euro-American Children? *Child Development*, 77(4), 1063-1080. doi:10.1111/j.1467-8624.2006.00919.x
- McGillicuddy-De Lisi, L. A., Watkins, C., & Vinchur, A. (1994). The effect of relationship on children’s distributive justice reasoning. *Child Development*, 65(6), 1694–1700. doi:10.1111/j.1467-8624.1994.tb00843.x
- Moore, C. (2009). Fairness in resource allocation in young children depends on recipient. *Psychological Science*, 20(8), 944–948. doi:10.1111/j.1467-9280.2009.02378.x
- Ongley, S. F., & Malti, T. (2014). The role of moral emotions in the development of children’s sharing behavior. *Developmental Psychology*, 50(4), 1148–1159. doi:10.1037/a0035191
- Piaget, J. (1932). *Le jugement moral chez l’enfant* [The moral judgment of the child]. Paris, France: Presses Universitaires de France.
- Shaw, A., & Olson, K. R. (2012). Children discard a resource to avoid inequity. *Journal of Experimental Psychology: General*, 141(2), 382–395. doi:10.1037/a0025907
- Sigelman, C. K. (2013). Age differences in perceptions of rich and poor people: Is it skill or luck? *Social Development*, 22(1), 1–18. doi:10.1111/sode.12000

- Sigelman, C. K., & Waitzman, K. A. (1991). The development of distributive justice orientations: Contextual influences on children's resource allocations. *Child Development*, 62(6), 1367–1378. doi:10.1111/j.1467-8624.1991.tb01611.x
- Trivers, R. L. (1971). The evolution of reciprocal altruism. *The Quarterly Review of Biology*, 46(1), 35. doi:10.1086/406755
- Underwood, B. & Moore, B. (1982). The Generality of Altruism in Children. In N., Eisenberg (Eds.). *The Development of Prosocial Behavior* (pp. 25-52). New York: Academic press.
- Zahn-Waxler, C., Radke-Yarrow, M., Wagner, E., & Chapman, M. (1992). Development of concern for others. *Developmental Psychology*, 28(1), 126–136. doi:10.1037/0012-1649.28.1.126
- Zinser, O., Perry, J. S., & Edgar, R. M. (1975). Affluence of recipient, value of donations, and sharing behavior in preschool children. *Journal of Psychology: Interdisciplinary and Applied*, 89, 301–305. doi:10.1080/00223980.1975.9915766

## **ANEXO B**



**Destinatário Contente para o Género Masculino**



